

PARA ALÉM DE ROUBAR COMIDA SERVÍAMOS DE "ESPOSAS" DOS CHEFES

21/7/82 por Jacinto Khossa (texto) e Luis Soute (fotos)

«Eu vi várias vezes os aviões sul-afriicanos a atirarem caixotes de pára-quadas e estes caixotes traziam armas» — afirmou Sara Muchalima, cidadã moçambicana que havia sido raptada pelos bandos armados. Durante o tempo de cativo, Sara Muchalima passou pelos tratamentos mais atrozes. Coisificada e humilhada, ela conheceu a ignomínia de ser prostituída, aliás isto não foi só com ela, mas é com todas as mulheres raptadas pelos lacaios do regime racista de Pratóia.

Nascida no Zimbabwe, Sara Muchalima, filha de pai moçambicano e mãe zimbabueana, 26 anos, foi, desde os anos da sua infância e adolescência, uma camponesa por herança.

Ao atingir a maioridade foi dada em casamento a um homem que, para a mãe, foi trabalhar «dinhelro» no Zimbabwe. Junto dos pais, Sara trabalhava a terra para solidificar o lar recém-formado. Viviu para o seu homem e para aqueles que lhe permitiram tê-lo.

Mas a felicidade que no horizonte da sua vida crescia com o fugir de mil sóis a sofrer um desejo. Uma nuvem de tormentas se abateu sobre toda a família Muchalima: Sara foi raptada pelos bandidos armados!

— Foi raptada em Junho de 1981 na localidade de Mazimbo, na província de Gaza. Os bandidos chegaram a minha casa e disseram aos meus pais que eu devia acompanhá-los. O meu pai disse-lhes que não podia ser, mas eles bateram-lhe e amarraram-me e de arma apontada às costas fui levada para a base de Garaguá e depois da sua destruição fui levada para Toronga. O meu marido encontrava-se no Zimbabwe a trabalhar.

A FUGA DO CIVIL DE FERAS

Depois de saírem de Mazimbo, os bandidos levaram-na para a base de Garaguá, onde a submeteram a um treino militar. Garaguá foi destruída e fugimos para Toronga onde permanecemos 10 meses. Durante o tempo que aqui estive a minha tarefa era de andar a procurar comida junto das populações. Ao fim de 10 meses foram alinhados 20 homens 10 mulheres para a zona de Gorongosa: isto foi no mês de Maio de 1982. Atravessámos o Rio Rioce e fomos acampar na zona de Muchamba onde ficámos um dia. Depois de levantar o acampamento andámos durante um dia e ao entardecer acampámos junto ao Rio Révut. No dia seguinte alcançámos a localidade de Recito. Aqui fizemos uma paragem para andarmos à procura de comida junto das populações. Conseguimos farinha e limão. Depois andámos, andámos, andámos e fomos acampar na encosta de uma colina. Aqui tivemos 3 dia treinos. Depois foram destacados 2 homens para preparar comida. Trouxeram banana verde que nos serviu de jantar. Armados. Continuámos a andar até atingir a localidade

de Matiate e de novo foram destacados outros homens para procurarem comida. Estes, trouxeram banana verde também. Andámos uma pequena distância e encontramos um aglomerado de casas abandonadas cujos donos foram vivos para uma aldeia co-

muitos outros cidadãos sofreram aquela infame «matemortose».

— De manhã tinhamos que ir à machamba e à tarde fazíamos treinos militares. Diziam-nos que devíamos treinar para lutar contra os Camaradas.

P — E por que é que tinham que lutar contra os camaradas?
Sara Muchalima — Não sei...
P — Você tinha uma arma não é?
SM — Sim.

P — De que marca era a tua arma?
SM — Tipo AKM-Debra Coronha...

P — De onde é que vinham as vossas armas?
SM — Vinham da África do Sul.

P — Como é que sabe?
SM — Sei porque vinham de avião.

P — Bem, mas podiam vir de avião sen não da África do Sul?
SM — Nedel! O chefe Diakama dizia que todo o material vinha da África do Sul e eu vi várias vezes aqueles arriarem caixotes de pára-quadas e esses caixotes traziam armas, espátulas, munições e farinha.

P — Sara participou alguma vez na recolha dessas coisas depois de lançadas de pára-quadas?

SM — Sim.
P — Onde é que foi?

SM — Em Garaguá.
P — Lembra-se de alguma vez ter visto acontecer?

SM — Só não me lembro do mês, mas tenho acontecido duas semanas antes da destruição da base de Garaguá. O chefe acabava de voltar da África do Sul.

3 PATRÃO
MANDA PROFESSORES

P — O que é que ele tinha ido fazer na África do Sul?

SM — Não sei. Ele ia várias vezes. Ficava dois meses na base e um mês na África do Sul. Quando voltava às vezes vinha com boerres.

P — A Sara ouviu dizer de que tipo contacto ou presenciou isto e viu isso acontecer?

SM — Vi com os meus próprios olhos. Na base de Garaguá estavam lá 10 boerres e foram evacuados no dia em que a base foi bombardeada. Eles fugiram num helicóptero.

P — Na dia da bombardeamento quem viu fugir o helicóptero?

SM — Fui com o comandante e eu também.

P — O que é que os boerres faziam na base?

SM — Devem destruído de corpo

utilizar as armas que tinham de avião.

P — Que relações é que os boerres tinham com os elementos a quem instruíam?

SM — Não tinham nenhuma relação. Depois dos primeiros dias para as stas barracas.

P — E com as mulheres existentes na base?

SM — ... (um silêncio «respondeu» à nossa pergunta. Um longo e significativo silêncio).

São racistas, mas o seu racismo abre excepções quando se trata de passar uma noite com uma negra.

Isto Sara Muchalima não disse mas a súbita perda de fala, quando lhe colocámos esta pergunta, traduz contundentemente a razão por que raptam também mulheres. De que há momentos em que o silêncio «falava» melhor que a palavra pronunciada e perceptível instante depois de se colocar aquela pergunta.

No seu semblante notava-se a imagem do sofrimento. Talvez naquele momento quisésse a lembrar-se dos escassos momentos em que de facto viviu uma vida condigna com o seu marido, lá para as bantas de Mazimbo, porque no resto dos bandidos armados nada do que tinha de pertença, até a vontade, aliás, esse foi-lhe tirado no dia em que foi raptada.

Na base, nenhuma mulher dispunha de si. A noite nunca foi delas, mas sim, de todo aquele que conseguia autorização para dormir com uma delas. De manhã era a fáticada dos ditos treinos militares.

P — Sara, você esteve na base central. Pode-nos dizer quantas mulheres tinha o chefe?

SM — Tinha oito mulheres, mas éramos instruídas no sentido de «trata-las por guardas-boas».

P — Conhece-as pelos nomes?

SM — Sim. Era a Sibongile, Urdes, Maria, Juliet, Luisa, Levenega, Amélia e Tchery. Sibongile esteve grávida, mas a criança morreu.

VIVER COM O MEDO
NO ESMITHO

A doutrina do medo não só é ministrada através de palavras, como também o é através de exemplos. Um indivíduo que se chamava Alberto conseguiu fugir para a África do Sul, mas foi apanhado pela polícia sul-afriicana e de novo levado para Garaguá, onde o rei Diakama o tratou como um animal.

Que isto serviu de exemplo a todos, aquele que pensa em fugir — disse para glorificar o seu acto.

— É este medo que encontramos na alma da Sara Muchalima, quando,

em Chimolo, dialogávamos com ela, só sorrindo quando alguém lhe pedisse para comentar o filme a que assistira no Cinema de Chimolo.

P — Quando havia contatórias entre os chefes como é que as resolviavam? Faziam alguma reunião?

SM — Não se fazia nenhuma reunião. Caso o outro chefe não fosse de confiança dos demais, chefes era morto. Muitas vezes, depois de uma brigada, saíam para as operações conjuntas e nunca voltavam completos. Um ficava sempre no mató.

P — Você assistiu a um destes casos?

SM — Sim.

P — De quem é que se tratava? Conheço-o pelo nome?

SM — Foi um problema entre o Lucas e o chefe Diakama.

P — E depois?

SM — Lucas era o adjunto do Diakama. Quando este saía quem ficava a tomar conta de base era ele. Então, durante a ausência do chefe, Lucas ficou a fazer não sei o que e depois, quando voltou, mandou meter o Lucas na cadeia, para dias depois mandar matá-lo.

Esta revelação não é nova. A reforçá-la para manter a «disciplina» dar o aspecto de se tratar de uma filiação voluntária, «diziam-nos que se nos apresentássemos à Frelimo seríamos mortos» — disse Sara Muchalima para mais adiante acrescentar — «mas desde que me entregou na localidade de Doeror a minha vida modificou. Quando fugi só tinha uma calça e camisa de caqui. Aquel deram-me nova roupa, esta que estão a ver» (constitua para uma sala, uma blusa e uma jaqueta impermeável); «sou bem tratada, tenho tudo, até vou ao cinema».

Sara Muchalima é por si só uma história. Uma história de distorção psicológica, história de fatalismo, de entrega submissa a um destino que se pretende traçado por uma força superior a todas as coisas. A cabeça dela está hoje cheia de influências que vão desde as vontades dos «Mademonis», com as suas «Mab-zokas», até a mais gratuita manifestação de servilismo. «Toda a ordem saída da boca de um homem não carece de análise. Está correcta!»

Esta é a Sara do mundo dos «Chigwach». É a Sara a quem a Revolução tem que transformar, a quem tem que dar à sua vida o verdadeiro sentido da vida.

A OMM tem neste contexto uma tarefa sublime: restituir a dignidade a uma mulher brutalizada, prostituída e humilhada. E estas Sara são muitas.



Sara Muchalima ou a dignidade destruída?

nunal. Aqui conseguimos farinha e 1 cabrito. Da localidade de Matiate andámos uma grande distância e à noite pedi ao chefe da coluna para fazer necessidades maiores e ele autorizou-me. Entrei pelo mató adentro e fugi até encontrar com uma posição da FPLM, cujos elementos receberam-me com carinho. A posição encontrava-se na zona de Doeror. Corria o mês de Junho de 1982...

Esta é a síntese da sua história desde o rapto à fuga. Mas, Sara Muchalima viveu um ano nas mãos dos Mab-zokas...

Recordem o que era Garaguá, antes da sua destruição: Garaguá era um dos locais mais importantes da base de Garaguá, o qual funcionava como o quartel general. Foi aqui onde Sara Muchalima foi iniciada na arte de roubar, matar e destruir, até atingir o posto de Comandante. Aliás, como ela,